



FARJALLAT, Célia Siqueira. História de Cabeza de Vaca. Correio Popular, Campinas, 02 out. 1991.

História de Cabeza de Vaca

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Mil libras foi quanto alcançou em leilão, em Londres, um exemplar do livro em que Nunez Cabeza de Vaca relata suas aventuras. A obra, publicada em 1555, é hoje uma raridade. Vale bem as mil libras, principalmente por documentar com vigoroso poder evocativo as andanças daquele explorador espanhol na América, quando ainda era um mundo desconhecido e misterioso.

Álvaro Nunez Cabeza de Vaca teve, evidentemente, um nome fora do comum. A origem desta designação prende-se à lenda de certo pastor, que por volta de 1212 teria guiado um exército cristão através da Serra Morena, por uma passagem secreta, assinalada simplesmente por uma caveira de vaca.

Quando se tornou nobre, passou aos descendentes a lembrança do feito heróico. O moço Cabeza de Vaca ouvira, em Espanha, as narrativas fantásticas de cidades de ouro com gigantescas torres e estruturas, situadas perto do devastado Império dos Astecas. Falava-se de um Reino das Portas de Ouro, do outro lado das Sete Cidades, e ainda da encantada Manoa, que surgia das águas, toda resplandescendo de fúlgidas riquezas. Povoaram-se, assim, os espíritos de fantasmas e de sonhos; e os homens vendiam tudo para buscar estes tesouros. Daí as numerosas expedições pelas regiões

selvagens, do sopé dos Andes aos pantanais do Chaco, do México ao Prata, cruzando o continente em todas as direções.

Cabeza de Vaca foi um destes viajantes. Um dia, em Sevilha, ouviu as narrativas inflamadas de Narvaez e das terras que Ponce de Leon descobrira. Convencido da existência dessas riquezas, associou-se a este aventureiro, e partiu em junho de 1527, transformado em tesoureiro de uma grande armada.

Data de então o início das correrias, das andanças e das mil peripécias aventurosas de Cabeza de Vaca em território americano. Registrá-las todas seria tarefa para alguns volumes. Mas é bom lembrar que ele percorreu parte da América do Norte, toda a América Central e quase toda a América do Sul em circunstâncias difíceis, repletas de imprevistos e de perigos.

Durante anos, foi escravo dos Peles Vermelhas; sofreu os rigores do extremo frio e do tórrido calor. Aclamado Filho do Sol por outra tribo vagueou durante meses, desgarrado dos brancos. Além de florestas, cruzou regiões desérticas, nas vizinhanças do lago salgado de Salado, seguindo trilhas antiquíssimas. Convivendo com os aborígenes, percebeu que os verdadeiros selvagens eram seus próprios companheiros, os brancos, com seus

métodos cruéis de destruição e de conquista. Daí, deste confronto entre a ganância de seus companheiros e a simplicidade dos índios, ainda não-corrompidos pelo contato com os brancos, resultou o traço mais simpático de Cabeza de Vaca: sua compaixão pelos aborígenes, coisa raríssima na época.

Ao cabo de longos anos, ele encontrou um grupo de cristãos. Sua figura selvagem e maltrapilha causou muita admiração. Voltando à Espanha conseguiu ser nomeado governador-geral de um território enorme, que ia do Peru ao Estreito de Magalhães.

O espírito aventureiro que morava dentro dele impeliu-o mais uma vez à busca da Cidade do Ouro. Não a encontrou, embora tivesse percorrido léguas sem conta de florestas, campos e montanhas. Seus companheiros, cansados desse constante caminhar, o aprisionaram e embarcaram-no à força para a Espanha.

Abatido e humilhado, Cabeza de Vaca foi ainda proibido de voltar ao Novo Mundo. Já velho e desiludido da humanidade, ele desaparece das crônicas, embora se saiba que viveu ainda algum tempo. Seu mérito foi o de despertar a atenção da Europa para o Novo Mundo, tendo ainda iniciado métodos mais humanos na conquista dos povos chamados selvagens.